

Departamento Estadual do Instituto dos Arquitetos do Brasil

Instalada em São Paulo, sob a presidência do Dr. Anhaia Mello, então secretário da Viação, uma seção daquela entidade, a 6 do mês corrente.

Sob a presidência do Dr. Anhaia Mello então secretário da Viação e Obras Públicas, realizou-se no dia 6, às 22 horas, no salão nobre da Biblioteca Municipal, a sessão solene para a instalação do Departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil.

A sessão estiveram presentes o sr. Paulo Camargo de Almeida, presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil; sr. Herminio Andrade e Silva, secretário da mesma entidade; prof. Mendes da Rocha, diretor da Es-

cola Politécnica de São Paulo; sr. Antonio Carlos Alves de Lima, representante do sr. Goffredo T. da Silva Telles, presidente do Conselho Administrativo do Estado, dr. Carlos A. Gomes Cardim Filho, representando o sr. Prestes Maia, prefeito da Capital, dr. Amador Cintra do Prado, presidente do C.R.E.A., representante do Diretor da Escola de Belas Artes de S. Paulo, além de numerosos profissionais desta capital e do Rio de Janeiro.

*Chegada da comitiva do
Instituto de Arquitetos
do Brasil, à Estação do
Norte*



OS TRABALHOS

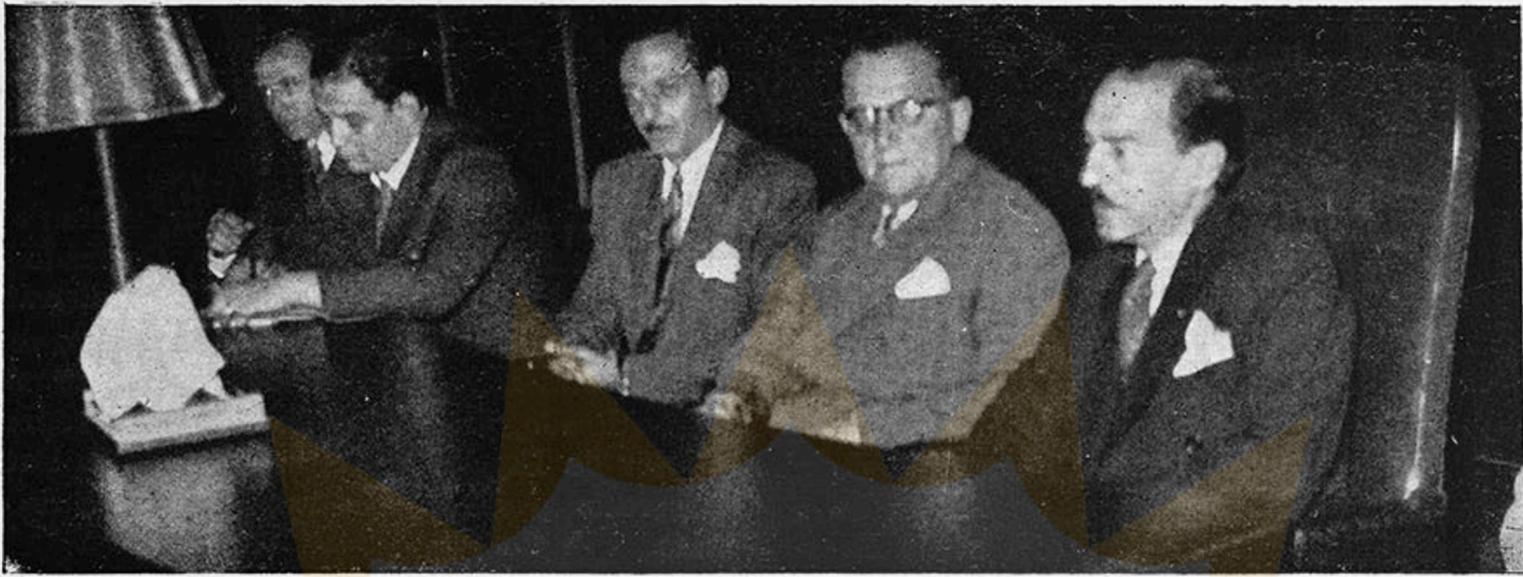
Abrindo os trabalhos, usou da palavra o sr. Paulo Camargo de Almeida, que, em rápidas palavras, explicou que a fundação do Departamento Estadual do I. A. B. coube à atual diretoria desta prestigiosa entidade, apenas por uma questão transitória que nada mais representa senão o movimento normal dos que pensam com interesse no desenvolvimento geral de uma classe.

Prosseguindo em suas declarações, o orador adiantou que na atual conjuntura que o mundo atravessa, torna-se cada vez mais imprescindível a união de engenheiros e arquitetos, a quem, no futuro, caberá, em grande parte, a reconstrução do mundo que hoje se desmorona.

A classe dos arquitetos, principalmente, viveu, durante muito tempo, entre nós, completamente afastada de todos os problemas vitais da nacionalidade, ora por culpa dos próprios profissionais que a integram, ora por falta de educação social, técnica e artística das massas.

Nestas condições — continuou o sr. Paulo Camargo de Almeida — ao ser eleito o atual Conselho Diretor do Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Rio de Janeiro, entre outros pontos levantados foram fixados os seguintes:

a) — união da classe por todos os recantos do país, para, com isso, tornando-se forte, ter a possibilidade de influir, com as demais entidades e associações de engenheiros, na solução dos problemas sociais e econômicos brasileiros; b) — instalação, na capital do Brasil, da sede própria da entidade, afim de possibilitar as demais aspirações da classe; c) — promover entre os demais elementos que integram a comunidade social estreita colaboração, dadas as afinidades existentes entre as diversas profissões; e, finalmente, trabalhar no sentido de que os poderes constituídos pesem devidamente os trabalhos que poderão ser realizados, em larga escala, pela classe dos arquitetos, uma vez que a falta de escolas especializadas, no país determinou e determina, ainda, a absurda composição urbana das nossas cidades, refletindo-se, assim, na desorganização social do povo.



À mesa que presidiu a seção de instalação do Departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil vendo-se ao centro, o Dr. Anhaia Mello, representando o Snr. Interventor Federal.

Finalizando suas considerações, o sr. Paulo Cargom de Almeida conceitou todos os profissionais em arquitetura a cerrarem fileiras em torno das aspirações da classe, pois só assim poderão ser objetivados os altos e necessários propósitos que almejam.

Em seguida comunicou a casa que foi designado para dirigir o Departamento Estadual do I. B. A., em São Paulo, o snr. arquiteto Eduardo Kneese de Melo, um dos distintos conselheiros técnicos de Acropole.

PALAVRAS DO REPRESENTANTE PAULISTA

Cessadas as palmas com que foi recebida pelos presentes a oração do sr. presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, usou da palavra, a seguir, o sr. Carlos A. Gomes Cardim, proferindo, em nome dos arquitetos de São Paulo, em saudação aos seus colegas do Rio de Janeiro, o seguinte discurso:

Quizeram os arquitetos de São Paulo, filiados ao Instituto dos Arquitetos do Brasil, que eu fosse o intérprete dos seus sentimentos no momento em que se instala o Departamento Paulista do Instituto de Arquitetos, manifestando o nosso grande júbilo por ver em terra paulista uma comissão de colegas ilustres do Rio de Janeiro.

Irmanados no mesmo ideal de elevação da classe, vêm os distintos companheiros trazer o abraço cordial e lançar a semente já experimentada para um Departamento de Arquitetura filiado à sede do Rio de Janeiro.

Sejam as minhas primeiras palavras de agradecimento à fidalguia de conceitos expostos pelo presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, neste instante de grandes atividades e de ressurgimento do Instituto; o coração e a identidade de profissão votada ao cultivo do belo, fazem com que sejam nossos colegas generosos em conceitos, para os das cercanias de Piratininga. Mas como a arte cria belezas, e a beleza é a verdade, aceitamos as suas expressões sinceras na certeza de que procuraremos corresponder em todos os sentidos a essa confiança.

Quando há meses, o nosso distinto colega Kneese de Melo, procurava adesões para aumentar o número de sócios do Instituto de Arquitetos do Brasil, mostrando a necessidade de nosso apóio na sua nova fase, não julgava que tão de pronto São Paulo, colhesse os frutos dessa propaganda inteligente em prol da classe tão pouco numerosa de arquitetos brasileiros.

A ausência de um órgão especializado de arquitetos, há muito se fazia notar em São Paulo, por inúmeras razões, e para citar somente algumas delas direi que numa cidade com a população aproximada de 1.400.000 habitantes, de crescimento vertiginoso, campo industrial sul-americano mais progressista, caldeada por diferentes raças, de agricultura e pecuária intensa e racional, tem necessidade de arquitetos para projetar as suas construções, que são consequência do progresso e riqueza das populações, projetar desde a casa de campo à beira de uma estrada ao mais nobre palácio em bairro residencial rico, desde as fábricas que marginam as linhas férreas até aos edifícios públicos e particulares que dominam no centro da cidade estendendo nas múltiplas finalidades pelos bairros. Não é só. No campo do Urbanismo, o horizonte é infinito, do arruamento rural ao urbano, com todas as previsões do crescimento da cidade, do traçado urgente das grandes avenidas circulares e de penetração e as linhas mestras para as novas construções, tudo está reclamando o arquiteto, como dirigente dessa orquestra cujos músicos são escassos e pouco compreendidos.

Sim, escassos. É uma dura realidade, basta lembrar que a nossa Escola Politécnica tem êste ano matriculados em geral no curso de arquitetos somente três alunos e que o Instituto Mackenzie possui somente vinte alunos sendo que formarão êste ano, respectivamente um e dois arquitetos! O campo é vasto, a terra é boa e dádiosa mas a colheita é quasi nula. Porque? Ausência de aptidões, deficiência de ensino, barreiras iniciais? Acredito que o mal, o grande mal, está em que os poderes públicos responsáveis pela educação superior ainda não se capacitaram de que o ensino da arquitetura deve ter um organismo autônomo, que para a admissão a um cur-

Instituto dos Arquitetos do Brasil

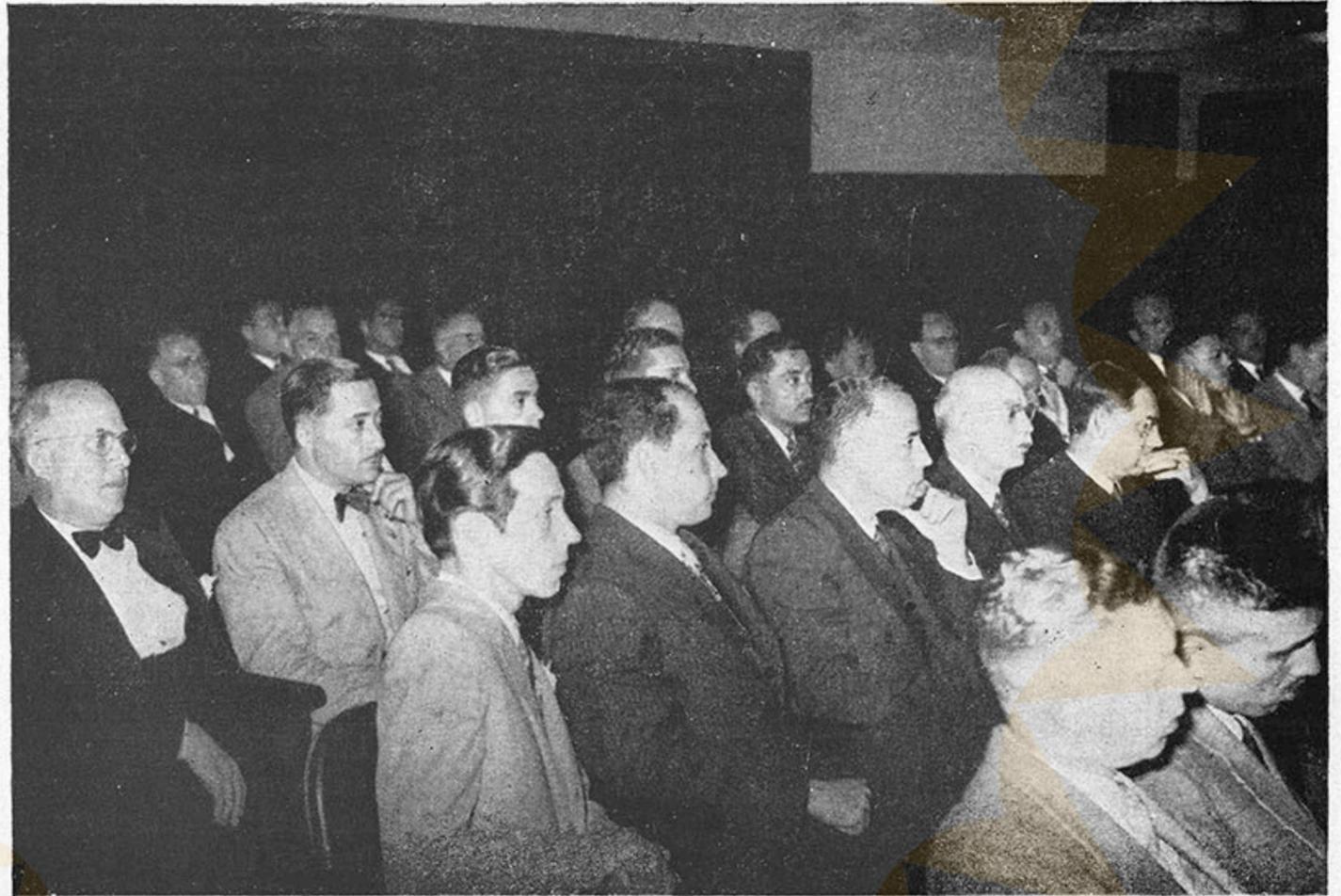
so de engenheiros arquitetos não podem ser exigidas as mesmas matérias que para um curso de engenheiros civís. São outras as finalidades, são outras as sensibilidades, uma é dura e fria como uma integral e outra é equilibrada e ritmada como obra plástica. Quanta vocação perdida no nascedouro, por não se compreender, que uma vez revelada a aptidão pela arquitetura, por uma prova de seleção, que bastaria a que seria indicada pelo curso científico do colégio, de acôrdo com a atual organização do ensino secundário, nada mais seria exigido para a entrada na escola superior de arquitetura.

Parecerá à primeira vista ousada a minha tése, mas sendo real e estando de acôrdo com as nossas necessidades impõe-se pelo seu próprio mérito. Compreendo que se faça concurso para entrada nas escolas superiores depois de concluído o curso do colégio em virtude da falta

A par de todas essas falhas, diante de todas essas lacunas conseguimos apresentar esparsamente, no entanto, no campo arquitetônico verdadeiras jóias e grandiosos monumentos tanto dentro da expressão moderna a mais avançada, até a expressão clássica modernizada. A verdade disso está, que os norte-americanos, com seu espírito agudo de crítica e seu poder informativo têm dedicado, vários números de suas prestigiosas revistas arquitetônicas quasi que exclusivamente à arquitetura no Brasil e monografias áj começam a surgir. Tem assim a arquitetura no Brasil e seus arquitetos, contribuído de maneira extraordinária para cimentar mais a amizade norte-americana, fazendo com que tornemos mais conhecidos no exterior.

Este fato por si só, mostra a necessidade do desenvolvimento da arquitetura entre nós e a urgência do con-

Aspetto parcial
da assistencia



de vagas ou lotação das Escolas para os demais cursos, mas pergunto para os cursos de formação de engenheiros arquitetos há a mesma concorrência? Os números dizem que não, e, a ausência de engenheiros arquitetos é cada dia mais notável e teríamos que concluir pela necessidade da seleção das vocações e todo amparo às mesmas.

A cidade cresce, suas necessidades aumentam, não há tempo de modelá-la oficialmente, e os responsáveis pela sua arquitetura, os escritórios técnicos particulares descambam para o lado utilitário e comercial e nascem grandes massas, húmidas como a garôa paulista, frias como o cimentado de seus passeios, quadriculadas e monótonas, como o papel milimetrado, onde a imaginação congelou-se e a beleza usa muletas. De quem a responsabilidade? Da escola, que não abriga e estimula as vocações, aferrolhando as entradas com suas comportas pesadas e impedindo a admissão desses temperamentos privilegiados.

graçamento da classe dentro de um mesmo ideal para dêsse convívio pugnar pelas medidas necessárias da proteção aos arquitetos, estímulo às vocações novas e valorização de suas posição no conceito social e no do Estado.

O assunto é vasto, e o momento não comporta esplanções longas. Para encerrar eu pediria aos arquitetos aquí presentes neste dia de grande entusiasmo para a classe que prestassem uma significativa homenagem ao engenheiro arquiteto dr. Prestes Maia, o mestre de Urbanismo e lapis preciso, que tem com seu profundo conhecimento da cidade, procurado dia e noite reformá-la, radicalmente e rapidamente, criando um conceito novo de Urbanismo, justificando assim, quão grande é o valor do engenheiro arquiteto, quando guindado ao alto posto da administração das cidades, principalmente quando possui as qualidades de nosso Prefeito.

Departamento Estadual do Instituto dos Arquitetos do Brasil

E aos nossos colegas do Rio de Janeiro que com tanta amabilidade vem trazer pessoalmente o prestígio de seu apóio e sua confiança aos arquitetos paulistas o nosso grande abraço cordial, declarando convictos de que o solo é firme para a implantação desse Departamento e que os artífices se indentificarão com a obra cuja pedra é hoje lançada, procurando trazer sempre cimentada, com traço firme a nossa sincera amizade, dentro de uma mesma comunhão de ideais.

OUTRAS NOTAS

A seguir falou o sr. Luiz Onofre Pinheiro Guedes, presidente do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Distrito Federal, ainda a respeito da fundação do Departamento Estadual do Instituto de Arquitetos do Brasil em São Paulo.

Em seu discurso, o orador, depois de ressaltar a importância que representa o engenheiro e todos os profissionais em engenharia, no atual conflito, em que dominam os problemas da produção e do transporte, acrescentou:

“Uma consequência imediata dessa situação é a exigência da mais completa solidariedade a unir os profissionais da engenharia e da arquitetura, impondo a todos a visão conjunta das necessidades de nossa pátria. Para que o engenheiro possa executar a tarefa que o momento lhe impõe e se tornar apto ao exercício do mandato no posto que lhe cabe, necessário se torna desenvolver ou criar associações profissionais, em todos os pontos de nosso território onde haja concentração de engenheiros e arquitetos, afim de permitir maior eficiência aos esforços individuais, multiplicando o número dos capazes e solidificando os laços nacionais na classe.

O engenheiro deverá abandonar definitivamente o isolamento injustificado em que vive para que possa reclamar o seu verdadeiro lugar na sociedade, exigir o reconhecimento às suas realizações e, finalmente, pleitear a sua participação na direção do país, ocupando o posto que lhe compete para o benefício geral da coletividade”.

Focalizando, depois, a verdadeira situação em que se encontra atualmente a classe em nosso país, em luta com a falta de maiores possibilidades técnicas para um desenvolvimento que era de se esperar, acrescentou:

“Ainda há muito que trabalhar nesse sentido; assim, falta-nos tornar real a consideração e o reconhecimento à verdadeira paternidade dos projetos cujos autores desaparecem no laboratório interno de muitas empresas grandes ou mesmo das de reduzida envergadura. Preciso se torna retirar do anonimato sem incentivo e trazer à revigoradora luz do dia, o nome do modesto profissional cujo esforço na realização da obra, glória e proveito vem dar à empresa contratante.

Mas não é só dentro do interesse direto da classe que nos compete trabalhar. Precisamos também desenvolver uma campanha nacional no sentido de disseminar a maiores grupos de brasileiros, o ensino da engenharia e da arquitetura.

Torna-se urgente dar aos alunos de engenharia e de arquitetura instrução mais objetiva, maiores conhecimentos práticos para que se possam sentir — e também

o possam ser — inteiramente eficientes logo após a obtenção de seus diplomas profissionais.

As nossas escolas necessitam de melhor aparelhagem, de melhores instalações de laboratórios e gabinetes de ensaios, dignos desses nomes.

Seria ainda, de grande conveniência a alteração de nossa legislação de ensino superior no sentido de tornar possível — sem embaraços de qualquer ordem — o aproveitamento de profissionais, notáveis em sua especialidade, como professores, contratados ou em docência livre. Grandes benefícios para os alunos e para a profissão adviriam da adoção dessa medida cuja repercussão no desenvolvimento e na atualização do ensino seria de inegável valor.

Por outro lado, o professor efetivo das escolas de engenharia e arquitetura, deveria ser obrigatoriamente, um profissional em atividade, livre das peias que o impossibilitam atualmnete de exercer sua profissão. Não é possível deixar de consignar aqui a nossa admiração pelo esforço abnegado, pelo desprendimento e pela capacidade extraordinária que nossos professores de engenharia demonstram, conseguindo ministrar ensinamentos aos seus alunos, conseguindo formar técnicos capazes, conseguindo prover o país com os profissionais que tem elevado o seu nome e concorrido para o seu progresso, tudo isso conseguindo, apesar da dolorosa pobreza de instalações das nossas escolas de engenharia”.

Após o discurso proferido pelo sr. Luiz Onofre Pinheiro Guedes, o sr. Anhaia Mello, antes de encerrar os trabalhos, transmitiu aos presentes e de modo particular aos arquitetos do Rio de Janeiro presentes à sessão, os cumprimentos do sr. Interventor federal.

A DELEGAÇÃO CARIOCA

São os seguintes os arquitetos do Rio de Janeiro que integraram a caravana que veio a esta capital especialmente para assistir à instalação do Departamento Estadual do Instituto dos Arquitetos do Brasil; srs. Paulo Camargo de Almeida, Hermínio de Andrade e Silva, Luiz Onofre Pinheiro Guedes, Edgard Guimarães do Valle, João Cavalcanti de Bastos Mello, Germano Valença Monteiro, Paulo Guedes, Mario Cunha Pires de Amorim, João Khair, Flavio Guimarães Barbosa, João Joaquim Gonçalves e Carlos Garcia Barroso.

À tarde do mesmo dia foi dedicada pelos arquitetos cariocas a uma visita aos principais pontos da capital paulista. Às 14 horas, estiveram os mesmos na Biblioteca Municipal de São Paulo, visitando todas as secções do majestoso edifício. A seguir, em companhia do sr. Prestes Maia, prefeito municipal de São Paulo, a delegação de arquitetos do Rio de Janeiro percorreu, em ônibus especial, numerosas ruas e avenidas da capital paulista, inclusive as novas avenidas, mostrando-se entusiasmada com os aperfeiçoamentos urbanísticos de São Paulo. Foram visitados detalhadamente a Ponte Grande, o viaduto Jacareí, as obras do monumento a Caxias e, finalmente, o Estádio Municipal do Pacaembú.

A delegação de arquitetos cariocas seguiu no dia seguinte para o Rio de Janeiro.